

## **FEIOS, NOJENTOS E PERIGOSOS: OS ANIMAIS E O ENSINO DE BIOLOGIA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL FICCIONAL**

### **UGLIES, DISGUSTING AND DANGEROUS: THE ANIMALS AND THE BIOLOGY TEACHING BEYOND THE FICCIONAL LITERATURE FOR CHILDREN**

**Luana von Linsingen<sup>1</sup>  
Prof. Dra. Vivian Leyser<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/hibelurrais@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética - BEG/Vivian@ced.ufsc.br

#### **Resumo**

No presente trabalho, defende-se a idéia de que livros paradidáticos de ficção, destinados ao público infantil, podem contribuir para a formação cognitiva sobre conteúdos de Biologia e às percepções das crianças sobre a realidade em que estão inseridas, a partir e junto com tais conteúdos. Foi analisada a coleção *Lelé da Cuca*, formada por oito livros, publicados desde 2004 pela Editora Ática. Cada livro da coleção tem como tema um determinado animal (ameba, plâncton, lesma, aranha, morcego, tatu, cão e gato). Cada livro foi analisado sob os seguintes critérios: estrutura do texto, das ilustrações, qualidade didática de conteúdo, qualidade didática de imagem e relação imagem-texto. Tanto os animais, como as características das histórias, permitem afirmar que a coleção, como um todo, pode contribuir para problematizar preconceitos e estereótipos que estão associados a esses e outros animais, bem como a emoções como medo, repulsa ou desagrado, despertadas por alguns deles.

**Palavras-chave:** literatura infantil – ensino de Biologia - cultura – linguagem

#### **Abstract**

This paper sustains that fictional paradidactic books, written for children, can contribute to their cognitive development about Biology contents, as well as to their world perceptions. An analysis was performed on a series of eight books, called “*Lelé da Cuca*”, published since 2004 by Editora Ática. Each book has an animal as a theme (as amoeba, plankton, spider and others). Each books tells a story about the animal, most of them involving other living creatures. Each book was analysed according to following criteria: textual and image structure, quality of contents, quality of images and text-image relationship. This study shows that this series may offer meaningful contributions to Biology teaching for children, considering the peculiar stories told about the animals, which discuss stereotypes, prejudice and emotions like fear and disgust, commonly associated to some of them. Elements of the analysis are discussed through concepts in culture, literature and education.

**Keywords:** literature for children - Biology teaching - culture - language

## Introdução

A cena é comum: aparece uma barata na cozinha e a pessoa ergue o chinelo e a mata. Esse tipo de comportamento acontece antes mesmo que a barata tenha a oportunidade de oferecer uma ameaça tangível, antes mesmo que a própria pessoa reflita a respeito do que está fazendo, do por que está fazendo. Como acontece a manutenção desse hábito de fugir, gritar ou matar criaturas que, no fim de contas, acabam nos fazendo menos mal do que nós a nós mesmos?

Aquilo que circula pelo espaço do pensamento dentro da área onde o indivíduo se movimenta vale para formar o modo como este indivíduo considerará seu derredor, e o valor que dará a cada pedaço dele.

*“É ouvindo e assimilando as falas da mãe, do pai, dos colegas, da comunidade próxima e da sociedade que o sujeito se constitui”.* (Hentz, 2000 - p. 98).

Certas observações que são feitas antes que o sujeito tenha capacidade para refletir a respeito – muitas vezes numa fase bastante precoce da vida - influenciam não só a parte racional/intelectual do mesmo, como a parte irracional/ emocional, esta última se revelando nas atitudes assumidas no impulso, como o ato de matar uma barata. Ocorre uma assimilação a-crítica e, poder-se-ia dizer, inconsciente de conceitos que mais tarde são muito difíceis de mudar, por mais que se valha de uma argumentação coerente e verossímil. Estas observações são expressas tanto através da **fala** como através da **atitude**, e as duas acabam sendo reforçadas por uma terceira forma de linguagem, a **escrita**. Ou seja, são três maneiras de **reforço cultural-ideológico** agindo em conjunto.

Assim sendo, como fazer para que uma noção depreciativa a respeito de determinados animais, e estável no julgamento dos humanos há tempos, deixe de sê-la, ou, no mínimo, deixe de ser tão estável e “verdadeira”? Considerando o gosto e a inclinação das crianças pela fantasia, na forma de histórias infantis, sugiro que uma maneira de trabalhar com preconceitos a determinadas categorias de animais, desde o começo, é a utilização da literatura infantil ficcional como fonte de informação e de discussão. Crianças em fase de pré-escola e de séries iniciais estão, literalmente, tocando o mundo, inclusive aqueles bichinhos “melequentos” que volta e meia aparecem no quintal de casa, ou, na falta deste, no pátio da escola, e aqueles outros que por vezes dão uma corridinha na cozinha. Uma vez que a escola é uma instituição social que tanto vale para perseverar um pensamento quanto para desestabilizá-lo, sugiro que tal literatura seja usada por professores que ensinam Ciências, e mais: que eles, os professores, vejam esses “bichinhos” com o mesmo ar curioso da criança e aproveitem para ensinar o que sabem, usando os livros como subterfúgio.

No presente artigo, defendo a idéia de que os livros paradidáticos de ficção (que insiro na categoria “literatura infantil ficcional”), destinados ao público infantil, também podem contribuir para a formação cognitiva sobre conteúdos de Biologia, ou seja, relacionada à aquisição deste tipo de conhecimento, e às percepções de realidade a partir e junto com esta aquisição. Entendo também que tal formação, por influências e reforços simultâneos da escola, da família e da sociedade, abrange geralmente a assimilação de alguns preconceitos, ligados principalmente a emoções como medo, repulsa ou desagrado contra determinadas categorias de animais.

## Linguagem, escrita e textos paradidáticos

Sendo uma forma de linguagem expressa na maneira impressa, e portanto, uma forma de se imbuir conceitos e julgamentos em quem lê, a escrita deve ser encarada pelos educadores como um material de discussão, e não somente de consulta erudita. E nem mesmo, julgo, como um passatempo mais “culto” do que videogame, mas igualmente inócuo. Azevedo (2004) diz que os livros paradidáticos são textos

*“que **manipulam** informações concretas, conceitos supostamente mensuráveis (...) e, ao mesmo tempo, recorrem à ficção através de um discurso literário e poético”, [grifo meu]*

e que, portanto, não devem ser relegados a um *status* de neutralidade.

*“Considerando que se aprende a linguagem à medida que se interage no grupo social do qual se faz parte, a **escola**, como uma das instâncias que atua na formação do sujeito via trabalho com a linguagem, não pode deixar de considerar e conhecer os **conhecimentos** que as crianças dominam e produzem quando ali chegam, **resultado das interações** das quais participa(ra)m **no seu meio social**” (Hentz, 2000 - p. 102) [grifos meus].*

Quero dizer que, se as crianças demonstrarem nojo quando aparecer uma lesma, este é um excelente momento para que o professor deixe seus próprios preconceitos de lado, “à luz do conhecimento” que ele, supostamente, possui ou desenvolveu, e interaja com elas, não necessariamente por meio de um sermão (isso não funciona muito bem com os tipinhos rebeldes e indiferentes, creio, e inibe os mais tímidos e obedientes – lembro de minha própria situação na escola), mas – aqui vai uma sugestão de quem ainda não dominou o espaço de sala de aula - desestabilizando aquilo que parecia certo, rindo da situação e, se possível, pegando o animal para que elas vejam que ele tem “um outro lado”, e que este lado pode ser bacana e até muito mais interessante do que as visões estereotipadas que foram construídas originalmente pela cultura. Se o professor, porém, não consegue expulsar seu próprio nojo, ou o medo, ou o que quer que seja de depreciativo que tenha dentro de si – afinal, ele não é um “super-herói” -, então que pegue um livro onde esses animais são legais, e dê para essas crianças lerem, e os discuta depois.

Jerome Bruner, citado por Geertz (2001), defende a importância da história lúdica na formação dos valores na criança. Ele diz que

*“contar histórias, sobre nós mesmos e sobre os outros, a nós mesmos e aos outros, é ‘a maneira mais natural e mais precoce de organizarmos nossa experiência e nosso conhecimento’. (...) Crescer entre narrativas – as próprias, as dos professores, colegas, pais, zeladores e vários outros tipos daquilo que Saul Bellow chamou, certa vez, sarcasticamente, de ‘professores de realidade’ – é o palco essencial da educação (...). As histórias são ferramentas, **instrumento(s)** da mente em prol da criação do **sentido**” (p. 171) [grifos meus]. Afinal, “(...) a comunicação verbal está (...) acompanhada por atos sociais não verbais” (Hentz, 2000 - p. 101).*

Os textos paradidáticos se constituem numa ferramenta cultural tão importante quanto outros materiais para ensino – estou abrangendo os livros didáticos, os textos de divulgação científica, e tudo o mais o que a nossa criatividade educacional possa inventar -, por comunicar, implícita e/ou explicitamente, um conteúdo político e ideológico (Monteiro e col., 2003). Tais livros são utilizados tanto dentro da escola (mais freqüentemente na disciplina de Língua Portuguesa) quanto fora, enquanto entretenimento. Eles contêm o que Monteiro e seus colegas chamaram de “*discurso cotidiano*”: situações que remetem aos alunos leitores experiências, ou vivenciadas por eles diariamente, ou que gostariam de vivenciar. Por isto, tais histórias têm uma maior interatividade com o leitor, e assim posto, são o tipo de narrativa que é aceito sem nenhuma tentativa de crítica ou de reflexão mais aprofundada. É uma “passagem de conteúdo” bastante sutil e facilmente assimilada, porque não possui, se bem escrito, o teor do “livro para a escola”, e não estimula na mente do leitor a resistência que normalmente se tem a estas categorias de livros.

Amorim (2001), no artigo *A literatura em busca de um conceito*, diz que

“*a linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa*” (Amorim, 2001)

e, embora se submeta às inevitáveis limitações de sua língua e à forma de expressão de seu povo, ou de outro, ela

“(...) *assume aspectos de representação e demonstração*” (Amorim, 2001).

e sendo assim, a representação do real é feita de uma forma especial, lúdica. De acordo com a percepção do autor, o real se torna disforme, amebóide, por assim dizer – uma imensa “geleca” utópica à sua mercê. A linguagem literária acaba sendo

“(...) *livre para conferir novos significados às palavras. Ela joga com os signos ao invés de reduzi-los a um universo já determinado*” (Amorim, 2001).

Daí a importância vital da literatura infantil, aquela que é paradidática e ficcional: se para a criança a realidade ainda é um imenso jogo de massinha de modelar, aquilo que lhe cair nas mãos só vai servir para ajudá-la a montar a sua noção do que é real – do que é “certo” e “estável”, noções tão queridas pela nossa civilização. Aquilo que o autor lhe disser poderá ter um valor tão respeitável quanto o que a família dela está dizendo. Se o livro e a família concordam, “então tá”; mas, e se houver disparidades? O que a criança vai fazer? Vai perguntar a outra pessoa, muito possivelmente a um adulto, cujo poder de afirmação está par a par com a dos pais: o professor. E uma vez que citei o professor, preciso falar sobre a postura do professor enquanto professor. Ou seja, preciso falar sobre educação, ou o que entendo por ela.

## **Educação infantil, cultura e ensino de Biologia**

Geertz (2001), citando Bruner, expressou a idéia de que a educação

*“não é simplesmente uma questão técnica de processamento bem administrado de informações, nem tampouco uma simples questão de empregar ‘teorias de aprendizagem’ na sala de aula, ou de usar os resultados de ‘testes de aproveitamento’ centrados no sujeito”, mas “a busca complexa da adequação de uma cultura às necessidades de seus integrantes, e dos modos de conhecer desses integrantes às necessidades da cultura” (Geertz, 2001 - p. 168).*

Se os educadores de Biologia têm interesse em fazer com que a “nova remessa” da população encare a ecologia, a natureza, e tudo o mais, de uma maneira voltada à conservação, não vai adiantar se continuar fazendo caretas com os pobres animaizinhos que não têm pêlos nem fazem “carinhas”. De nada adianta **saber** que eles têm sua importância se não **demonstram** isso.

Brandão (2002) disse que a Educação

*“constitui as elaborações intencionais de uma cultura que pensa e que põe em ação as suas alternativas e estratégias de pensamento, de poder e de ação interativa, por meio das quais o seu mundo social cria, diferencia, consagra e transforma boa parte do que ela própria é em um dado momento de sua trajetória” (Brandão, 2002 - p. 139).*

As crianças, estando ainda em seu processo de apreensão do real, são as mais fáceis, simploriamente falando, de se manipular. Você pode manipular uma criança para que ela continue a pensar como os outros, ou você pode manipulá-la para que ela passe a pensar como você. Se você pensa como os outros ou não, são outros quinhentos, e se a sua idéia é a melhor, é outra discussão. O comportamento que desejamos que os indivíduos tenham passa pelo que iremos transmitir a eles, para que possam adquiri-lo, desenvolvê-lo, e mais tarde, se desejarem, modificá-lo.

Tratando a literatura infantil de ficção como apoio paradidático sério em aulas de Ciências, estaria-se utilizando uma forma de linguagem – escrita – e uma abordagem educacional – transformadora – como meio de inversão paradigmática acerca das categorias “rejeitadas” de animais – os feios, nojentos e perigosos do título deste trabalho.

Aceita-se que a cultura e a linguagem se desenvolveram conjuntamente, uma influenciando a outra, de maneira que seria exclusivista e limitador dizer que é apenas a cultura que determina a linguagem. Entretanto, como estou discutindo a importância da linguagem verbal e não-verbal na formação de uma atitude infantil, ou seja, de um **comportamento cultural**, estou “esquecendo” este detalhe e dando maior peso, maior importância, à influência da cultura na formação dos indivíduos.

Vejo cultura como um instrumento de assimilação da realidade pelo sujeito, “óculos” que ele usa para vê-la e interpretá-la. Uma vez que a literatura e a educação são, no meu entender, maneiras de interpretar e avaliar a realidade, acabam sendo “artifícios culturais”. No caso da linguagem, trata-se de um sistema de símbolos criado para expressar idéias, e estas idéias são produtos de uma cultura, isto é, estão carregadas de história, simbologia e crenças da sociedade à qual pertencem. E, é claro, os próprios símbolos utilizados pela linguagem são produtos de uma cultura.

Um exemplo de como o “falar a respeito” e o como “agir a respeito” têm uma forte influência nas reações, quando em frente a um animal, vem de uma reportagem publicada em agosto de 2000 pela revista Ciência Hoje, no artigo “Humanos no Zoológico”. Nele, o autor,

Marcelo Bizerril, relata uma pesquisa sobre o comportamento humano diante de animais que normalmente não estão presentes no seu dia-a-dia, como jacarés, ariranhas e outros, e registrou de que maneira as pessoas reagiam quando diante deles. Bizerril (2000) expressou preocupação com a influência dos adultos sobre as crianças:

*“(...) O comportamento dos visitantes pode não estar relacionado apenas à aparência e ao comportamento do animal observado, mas também à percepção e aos conceitos preconcebidos que os visitantes têm em relação ao animal”*

duas características apreendidas com familiares, amigos e fontes de informações consideradas “precisas”, como escola, livros e meios de comunicação em massa.

*“(...) Ficou evidenciado que as atitudes dos visitantes podem ser fortemente influenciadas pelas informações obtidas sobre os animais no momento da visita. É comum observar crianças simpatizarem com os animais à primeira vista, mas mudarem de idéia logo após um discurso aterrorizante proferido pelos adultos” (p. 67).*

Aqui o autor se refere à ariranha, que ficou estigmatizada após um episódio ocorrido em 1977, no qual dois visitantes do zoológico de Brasília se envolveram num acidente com tais animais. Chama a atenção que o autor não se melindrou na descrição desse acidente, mas, pelo teor do texto publicado, suponho que os visitantes tenham sido mortos neste encontro, já que as bichinhas foram decretadas, pelo *Correio Brasiliense* da época, como “perigosas assassinas”, conforme citado na própria reportagem.

Portanto, o “fato” de um animal específico inspirar todas aquelas sensações de mal-estar pode ser resultado de um processo cultural, imbuído no processo de construção de conhecimentos a respeito do mundo natural e dos seres vivos. Esta construção se inicia no seio familiar e no grupo social mais próximo da criança, e pode ser adicionalmente reafirmada na escola, através das ações dos próprios professores e por meio de uma leitura prazerosa que não é posta em discussão, ou seja, por meio de exemplos de literatura infantil ficcional que estereotipam animais, das mais diversas formas; com a insistência de determinados animais em determinadas categorias de vilania, a criança acaba associando o animal à categoria, sem discutir isso. Veja que a criança está “cercada”: o mesmo animal é posto como não-confiável e perigoso em livros, em desenhos teletransmitidos e, quiçá, em casa. E essa posição não é discutida na escola, de maneira que a idéia fica. Três tipos de linguagem: a verbal-escrita, a verbal-não escrita e a não-verbal, estão contribuindo para uma imagem negativa de um animal, na criança.

Qualquer sociedade, e qualquer situação social, usa os artifícios culturais disponíveis para alimentar estes mesmos artifícios culturais, e os mantêm funcionando. É quase uma forma de “proteção de identidade”. Portanto, se eu desejo modificar alguma faceta do modo como essa sociedade ou essa classe social se comporta frente a alguma situação, uma faceta que não me agrada mais, ou que considero como ultrapassada ou inválida dentro do contexto histórico o qual estou vivendo, uma estratégia é se valer de algum desses artifícios, “afanando-o” e modificando alguma coisa dele. Assim, o “ciclo de repetição” é interrompido, e algo acabará tendo de ser reinventado, para “tapar o buraco”.

Assim, se acho que se deve “conhecer para respeitar” certos animais, e não temer, apenas, por uma rele questão de **desconhecimento**, então preciso encontrar uma forma de romper com o “ciclo de repetição”. E a forma que encontrei, ou melhor, que me pareceu promissora, é a utilização de livros para análise em sala de aula, e não somente isso; é a utilização desses livros como veículo de inversão paradigmática, como base para uma transformação (de preferência

duradoura) na atitude de uma criança frente a um animal desses, **a despeito do que seu entorno social pensa, ou em como ele age.**

Lógico que esbarraremos num enorme obstáculo, aliás dois (pelo menos): um deles é aquele velho conhecido, o desgosto de “pegar” e ler livros, hábito que inclusive pode estar se tornando obsoleto, dada a facilidade de acesso a outras fontes de informação e fantasias, pela Internet. O outro é ainda mais sério: encontrar livrinhos que não falem sempre dos mesmos bichinhos, “fofinhos”, enormes e estrangeiros, incrivelmente intocáveis.

O primeiro obstáculo mencionado acima ainda tem algum meio de ser contornado: crianças em fase pré-escolar ainda não desenvolveram aversão à leitura. O segundo poderia ser amenizado com o uso da coleção que foi o objeto da presente pesquisa: a série *Lelé da Cuca*.

### **Pesquisando a literatura infantil paradidática: a coleção *Lelé da Cuca***

Como etapa preliminar para o presente trabalho, busquei inicialmente, nos catálogos das principais editoras de livros infantis e/ou paradidáticos para crianças em início de alfabetização, livros ou coleções de livros que apresentassem os seres vivos de uma forma diferente da tradicional e muito criticada visão de “úteis ou nocivos”. Acabei escolhendo a coleção *Lelé da Cuca* especialmente devido à novidade da abordagem dos temas de Biologia. A maioria dos títulos desta série trata de animais absolutamente desvalorizados no *ranking* de aceitação popular, por estarem associados a coisas consideradas nojentas, amedrontadoras e nocivas à saúde e ao bem-estar. Sim, estou falando de lesmas, aranhas e amebas.

Como se trata de livros infantis, escritos naturalmente por adultos, com sua visão de mundo na maioria das vezes já interpretada (no sentido de observação e construção de sentidos sobre a realidade) provavelmente muitos dos estereótipos e preconceitos em relação aos animais, que busco combater, estão expressos nos textos. Mesmo assim, considero válido o esforço editorial que possibilitou o aparecimento dessas obras nas prateleiras de livrarias, pelo ineditismo da abordagem que faz em relação a animais pouco ou nada “fofos”, e também pelo potencial que vislumbro de sua circulação e utilização no ambiente escolar.

A coleção que foi objeto da presente investigação é composta por oito livros infantis, editados pela Editora Ática desde 2004, como uma coleção de nome “Série *Lelé da Cuca*”. Cada livro corresponde à tradução de um original em inglês, dentro da série “*Bang on the door*”, publicada pela editora David Bennet Books Limited, uma divisão da Chrysallis Books Pic., da Grã-Bretanha, a partir de 1999. São escritos pela dupla Jackie Robb e Berny Stringle, e traduzidos para o português por Luciano V. Machado, sob a supervisão pedagógica da professora Madalena Freire. As ilustrações são também das britânicas Karen Duncan e Samantha Stringle.

Para fins de análise, organizei os oito livros da coleção seguindo a seqüência didática normalmente adotada nos currículos escolares - dos unicelulares aos vertebrados -, ficando, daí, organizados da seguinte maneira:

Livro I: A história da Ameba

Livro II: A história do Plâncton

Livro III: A história da Lesma

Livro IV: A história da Aranha

Livro V: A história do Morcego

Livro VI: A história do Tatu

Livro VII: A história do Cão

Livro VIII: A história do Gato

Percebi, através desta formatação, que a coleção compreendeu quatro exemplos de animais invertebrados e quatro de animais vertebrados, sendo estes últimos todos inseridos na categoria dos mamíferos. Buscando sistematizar as informações e ressaltar os aspectos que

permitissem identificar uma possível função educativa da coleção, elegi os seguintes critérios de análise, que foram aplicados a todos os livros: estrutura dos textos; estrutura das ilustrações; qualidade didática de conteúdo; qualidade didática de imagem; relação imagem-texto.

A razão da escolha destes critérios, e não de outros, se deve a alguns aspectos peculiares da literatura infantil. Como leitora e autora de obras desta natureza, e embora não tenha lido tal orientação em nenhum lugar, já percebi que o texto infantil é dimensionado em estreita harmonia com as ilustrações, isto é, utilizando-se duas formas de linguagem, ou seja, duas maneiras de se imbuir conceitos. Desta forma, busquei verificar, na coleção escolhida, se o texto é compreensível, se seria apropriado para a faixa etária sugerida.

Como estou pensando no uso desses livros como material para a sala de aula, nada mais coerente do que analisar que conceitos são esses, que estão sendo sugeridos. Portanto, é relevante proceder à análise da qualidade didática, tanto do conteúdo quanto da imagem.

Perceber se a abordagem temática está correta, ou pelo menos dentro dos parâmetros de aceitação (como precisão e pertinência de conceitos e informações), sob o ponto de vista do atual estágio de conhecimento das Ciências Biológicas, é outro dos meus objetivos na leitura mais atenta dos livros dessa série. Este critério inclui avaliar de que forma é feita a caracterização anatômica dos animais, ou seja, se esta corresponde, dentro de limites flexíveis associados às obras de ficção e fantasia, ao que é observado no mundo natural.

Vale lembrar que tais critérios foram baseados no objetivo geral do presente trabalho, que é tratar a literatura infantil de ficção como apoio paradidático sério em aulas de ciências. Ao fazer a análise dos livros propostos, através de critérios que examinassem seu caráter educativo, detectei equívocos de conteúdo, alguns até graves. No entanto, penso que mesmo estes erros podem ser trabalhados em sala de aula, visando problematizá-los e modificar a concepção inadequada.

O propósito principal que eu enxerguei na coleção é o de tornar esses animais em seres interessantes e dignos de respeito por parte dos futuros adultos. Acredito que a coleção *Lelé da Cuca* alcançou tal propósito. Todos os animais são tratados, via texto e imagens, com carinho, humor e seriedade. Então, por assim dizer, a “missão” dos livros foi cumprida. Agora, resta aos adultos reafirmarem, ajustarem e modificarem o que os livros afirmam, através de sua conduta, de suas ações, além de suas palavras, porque a **ação** tem um tremendo peso cultural.

A realidade que está aí é passível de diversas leituras, interpretações: neste sentido, eu não estaria exagerando ao afirmar a existência de diversas realidades, postas à escolha do sujeito, se ele conseguir “enxergar” mais de uma. Estamos num momento cujo contexto histórico começa a exigir maior cuidado com a “despensa natural”, e em que cresce o número de pessoas que considera os animais de uma maneira distinta do que se pensava até pouco tempo atrás – “se não vive para servir, não serve para viver” (aplicável, especialmente, aos animais destinados à alimentação humana). Adicionalmente, esse novo tipo de postura tem ocupado um espaço cada vez maior no plano transmissor de informações e formador de opiniões (pela mídia, por exemplo). Alguns animais estão sendo livrados da alcunha utilitária e ganhando, aos nossos olhos, direito ao bem-estar. Estão deixando de ser **objetos** para se tornarem **sujeitos**. Então está na hora das escolas (professores, diretores, formadores de professores, etc) não só emitirem discursos e levarem as crianças aos recônditos (ambientes) naturais (o que, certamente, constitui ações relevantes), mas também demonstrarem que **acreditam** no discurso proferido.

## Implicações para o ensino de Biologia

Uma nova postura, de respeito e mesmo de valorização de animais “feios, nojentos e perigosos” ainda não acontece em relação à maioria dos animais “esmagáveis”, como formigas, baratas, lesmas e etc. A ojeriza, passada de geração a geração, é difícil de ser rompida. Um primeiro passo nesta direção seria a transformação destes animais em seres “simpáticos”, pois o

respeito ao diferente, para os humanos, passa primeiro pela admiração e/ou pela empatia. E esse passo teria maior efetividade se dado na infância, quando os estereótipos estão em processo de formação.

Para que isso se torne real, porém, além do trabalho com a criança, um trabalho com o adulto, principalmente com o professor, teria que ser feito. Há uma enorme importância no discurso não-verbal. Não estou apenas falando da linguagem **visual** dos livros que sugiro ao uso escolar, como os da coleção analisada, mas também da **conduta do professor**. A criança presta muita atenção no que o adulto **faz**, até mais do que no que ele **diz**. Não são à toa aqueles enervantes “testes” que os pequenos fazem conosco; eles estão querendo **ver** se nós nos manteremos no que **estamos pregando**, se **acreditamos no que estamos dizendo**.

A humanidade necessita de mudanças. O fato de ter-se fundeado principalmente no dinamismo cultural talvez seja uma contingência de sua evolução. Os humanos parecem nunca estar satisfeitos com o que têm diante de si, e estão sempre necessitados de mudar, de transitar, de transformar. Isso, poderiam alguns dizer, é um reflexo do progresso. Ou o homem se adapta a ele, ou é atropelado por ele. Para mim, as mudanças não são meramente um reflexo do progresso; o chamado “progresso” é que é um reflexo das mudanças.

Se, como dita Laraia

“(…) o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado (…)” (Laraia, 1999 - p. 20), e “nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas; uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento”. (Laraia, 1999 - p. 26),

a mudança precisa ser feita. Se o aprendizado deve começar cedo na vida do indivíduo, quando ele é defrontado com várias situações que nem sempre são do jeito que gostaria que fossem, então talvez seja uma boa idéia incluir neste conjunto simbólico uma outra maneira de encarar baratas, aranhas e outros.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Ed. Mercado de Letras, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.
- HENTZ, Maria Izabel de Bortoli. **A formação do sujeito: tecendo uma compreensão**, in Linhas – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura, Florianópolis, SC, UDESC, junho de 2000.
- LINSINGEN, Luana von. **Feios, nojentos e perigosos: os animais e o ensino de Biologia através dos livros paradidáticos**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga, TEIXEIRA, Odete Pacubi Baierl, AMARANTE, André Ricardo Soares, CINDRA, José Lourenço & MONTEIRO, Isabel Cristina de Castro. **Os textos paradidáticos e a história da ciência em sala de aula: um estudo sobre a ideologia do discurso docente**, in Anais do IV ENPEC, Bauru, SP, 25 a 29 de nov. 2003.
- BIZERRIL, Marcelo. *Humanos no Zoológico*, in **Revista Ciência Hoje**, vol. 28, nº163, 64-67, ago/2000.
- AMORIM, Alan Ricardo. **A literatura em busca de um conceito**, disponível em [www.uem.br/~urutagua/02\\_literatura.htm](http://www.uem.br/~urutagua/02_literatura.htm) Acesso em: 27/05/2005.

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias**, disponível em [www.ricardoazevedo.com.br/Artigo01.htm](http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo01.htm) Acesso em: 03/11/2004.